

ENSINO DE ARTES VISUAIS E DOCÊNCIA: EXPERIMENTAÇÕES A PARTIR DO CORPO

Eixo

Interculturalidade e Diversidade nas Ações Educacionais

Denise Meller Losekann¹
Marilda Oliveira de Oliveira²

RESUMO

Este trabalho apresenta uma narrativa das experiências vivenciadas em sala de aula, durante o Estágio Curricular Supervisionado IV, disciplina do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, realizado durante o primeiro semestre do ano de 2017, na Escola de Educação Básica Estadual Coronel Pilar, na turma 114, no 1º ano do ensino médio. Buscou-se problematizar a docência em artes visuais, a partir da pesquisa e da inserção de alguns conceitos e propondo outras atividades em sala de aula, nas quais se levou em consideração como vamos nos produzindo em relação as imagens e encontros com outros corpos. Pensando um ensino voltado à perspectiva da cultura visual e dos afetos, que podem aumentar ou diminuir nossa potência de agir e de pensar SPINOZA (2013). O tema pesquisado foi 'A produção da imagem do corpo feminino nas Artes Visuais', visando problematizar: Como pensar outros corpos? Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi apresentar possibilidades para o ensino de Artes Visuais tendo o corpo como ponto propulsor, pensando a produção das imagens do corpo como modo de desconstruir as noções representacionais que permeiam nossos imaginários e reinventar esses corpos. Tendo em vista essa perspectiva, utiliza-se como referencial teórico neste escrito as compreensões de CARDONETTI e OLIVEIRA (2015), GOELLNER (2010), PEREIRA (2013).

Palavras-chave: Experiência; Docência; Corpo; Artes Visuais.

INTRODUÇÃO

O projeto de ensino e pesquisa que eu vinha desenvolvendo em meus estágios anteriores tinha como tema 'A Produção da Figura Humana nas Artes Visuais', a partir das orientações na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado IV e das minhas experiências em sala de aula, surgiu à necessidade de redimensionar um pouco minha pesquisa, trocando o conceito de figura humana pelo corpo, e trazendo também, um pouco de minha pesquisa plástica nos ateliês acerca do corpo feminino.

¹ Mestranda em Educação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Graduada em Artes Visuais – Licenciatura, Universidade Federal de Santa Maria, deniseloisekann@yahoo.com.br.

² Doutora em História da Arte pela Universidade de Barcelona, Espanha. Professora Associada do Departamento de Metodologia do Ensino, Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal de Santa Maria, marilda.oliveira27@gmail.com.



A partir disto venho pesquisando e inserindo alguns novos conceitos e propondo outras atividades em sala de aula, nas quais se leva em consideração como vamos nos produzindo em relação as imagens e encontros com outros corpos. Um ensino voltado à perspectiva da cultura visual e dos afetos, que podem aumentar ou diminuir nossa potência de agir e de pensar.

Em vista disso Cardonetti e Oliveira escrevem que:

Quando estamos à espreita dos encontros, passamos a ser 'um observador sensible de lassutiliezas de la vida cotidiana' (VAN MANEN, 2003, p. 47). O desafio talvez esteja em descansar o olhar em cada um dos encontros para que possamos nos colocar em posição de aprender com eles, deixando-nos inundar pelas ocorrências que não conhecemos, que nos causam temor, que nos desafiam a pensar diferente e que fazem tombar nossas certezas e dogmas (CARDONETTI e OLIVEIRA, 2015, p. 4).

Em consonância com isso, o tema que venho pesquisando é 'A produção da imagem do corpo feminino nas Artes Visuais', visando problematizar: Como pensar outros corpos? Nesse sentido, o objetivo do meu trabalho é apresentar possibilidades para o ensino de Artes Visuais tendo o corpo como ponto propulsor.

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico. Isto é, mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos e etc. não portanto algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz (GOELLNER, 2010, p. 29 *apud* FERRAZ, 2013, p. 260-261).

Dito de outro modo, pesquisar e pensar a produção das imagens do corpo como modo de desconstruir as noções representacionais que permeiam nossos imaginários e reinventar esses corpos. Tendo em vista essa perspectiva, utilizo como referencial teórico neste escrito as compreensões de CARDONETTI e OLIVEIRA (2015), GOELLNER (2010), PEREIRA (2013) e SPINOZA (2013).

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÃO)

Os artistas que surgiram no processo

Como subsídio para as problematizações em sala de aula e em minha pesquisa utilizo os trabalhos dos/as artistas Sandra Chevrier, Orlan, Mariana Valente, Rafael Duarte (Kin Jin) e Marcelo Monreal, pois, dialogam com as minhas perspectivas temáticas. Sandra Chevrier é uma artista canadense que produz pinturas com colagens e imagens de quadrinhos, nos quais aborda a luta interminável das mulheres contra as convenções, os preconceitos e discriminações vivenciados nas relações sociais. Orlan utiliza o próprio corpo como suporte, realizando intervenções cirúrgicas em seu corpo, problematizando o que as pessoas fazem para atingir certos padrões de beleza. Mariana Valente (Collage Vallente) é uma designer carioca que garimpa em feiras de antiguidade a procura de objetos, fotografias de desconhecidos, correspondências e documentos esquecidos no tempo que aguardam seus resgates para produção de suas colagens. Kin Jin centra algumas de suas produções na efemeridade dos tempos contemporâneos e na figura feminina buscando questionar o culto da imagem e da supervalorização da aparência exterior e do status. E por fim Marcelo Monreal artista brasileiro que se apropria de ícones e códigos da moda para revelar a beleza interior florida e colorida em suas colagens digitais.

Sobre corpos

Entre leituras, pesquisas e compartilhamentos nas aulas de estágio realizadas no Laboratório de Artes Visuais (LAV) deparei-me com a autora Goellner (2010 *apud* FERRAZ, 2013) nas questões relacionadas ao corpo, ou seja, encontrei apoio em suas palavras para seguir pesquisando sobre, com, no e a partir do corpo. De acordo com a autora

Um corpo não apenas um corpo, é também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem



descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2010, p. 29 *apud* FERRAZ, 2013, p. 261-262).

Estamos em constante produção, vamos nos constituindo enquanto sujeitos nos encontros com outros corpos, com as imagens e visualidades do cotidiano, que aumentam ou diminuem nossa potência de agir e pensar. Nosso corpo não é só físico ou carnal, ele é, ou melhor dizendo está sendo também, aquilo que nos cerca.

Em vista disso, meu interesse de pesquisa diz respeito a compreender os sujeitos estudantes enquanto corpos e também o meu próprio corpo nesta relação com outros corpos. Dito de outro modo, a relação professor-estudante entendida pelo viés do corpo professor - corpo estudante, com a intenção de pensar como esses corpos vão se produzindo nos aspectos do individual e do coletivo, considerando esses aumentos e diminuições de suas potências de ação e de pensamento. Dessa forma, trago para este texto o conceito de afetos de Spinoza para me auxiliar a compreender estas relações.

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.

Explicação: Assim, quando podemos ser causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação, em caso contrário, uma paixão. [...] O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor (SPINOZA, 2013, p. 163).

Acredito, pois, que esta relação corpo-professor e corpo-estudante é permeada pelas afecções, pelos encontros e desencontros que nos afetam e que estimulam ou não a nossa forma de agir, de pensar, de se relacionar um com os outros.

Os desafios a partir dos encontros

A partir das experiências na escola e nas aulas na universidade, minha atenção voltou-se para pensar os sujeitos estudantes enquanto corpos, corpos que possuem afetos, que afetam e são afetados por outros corpos. Corpos que vão se construindo individual e coletivamente. O desafio reside então em como reinventar

modos de pensar esses corpos que ocupam os espaços da escola e também o meu próprio corpo que vai se constituindo nestes cruzamentos entre as experiências docentes, discentes e artísticas.



Figura 01: Diário Visual
Fonte: Arquivo pessoal

Diante desse contexto e tendo essas problemáticas em mente realizo o Estágio Curricular Supervisionado IV em uma turma de 1º ano do ensino médio, composta por 27 estudantes, com idades entre 14 e 17 anos, nas sextas-feiras pela manhã, com períodos de 45 minutos, na Escola Estadual Coronel Pilar, na cidade de Santa Maria-RS. Até este momento, eu ainda não havia trabalhado com o ensino médio, logo pude perceber que diferentemente do ensino fundamental que interessa-se mais por produzir manualidades, os/as estudantes do nível médio interessam-se muito por discussões, por estabelecer relações dos conteúdos trabalhados em sala de aula com seus cotidianos.

Iniciei o estágio no dia 7 de abril de 2017, primeiramente trabalhei com uma dinâmica na qual os/as estudantes deveriam escrever seus medos e posteriormente as escritas foram trocadas entre eles/as para que ajudassem a encontrar algum tipo de solução para o medo do/a colega com o objetivo de que os/as mesmos/as conhecessem uns/umas aos/as outros e começassem a criar vínculos entre o grupo, já que grande parte deles/as era oriunda de outras escolas.



Figura 02: Foto do Diário Visual
Fonte: Arquivo pessoal

Tendo em vista esse interesse da turma procurei problematizar discussões a respeito de um corpo que não vemos. Nesse sentido, levei para a aula um áudio, no qual uma voz narra a adaptação do poema 'A dor da vida' de Marina Colassanti (1972) <<https://www.youtube.com/watch?v=y9sUhEiHxKU>>. Entreguei aos/as estudantes o poema impresso para que pudessem acompanhar a narrativa. Inicialmente ao ouvirem a voz, três meninos riram e fizeram piadas sobre o corpo que enunciava aquelas palavras, no entanto, à medida que prestavam atenção e percebiam o que dizia o poema, seus semblantes foram mudando de uma situação de zombaria para preocupação. Com a finalidade de problematizar sobre as imagens que permeiam nosso imaginário a respeito das representações do corpo lancei aos/as estudantes três questões, a saber, como você imagina a pessoa que está falando? Que imagens construímos em nossa imaginação a partir deste áudio? O que podemos dizer sobre um corpo que não vemos?

Ao refletirem sobre a voz que lhes falava e a necessidade de nomeá-la, um silêncio. Na sala ouvia-se apenas alguns cochichos, estavam concentrados/as, pensativos/as, um/a ou outro/a estudante arriscou-se a pedir quem era aquela pessoa e porque estavam apenas ouvindo a voz, queriam ver o corpo que proferia aquelas palavras pesadas ou como disse um estudante aquelas 'verdades' sobre o dia a dia da maioria das pessoas. Estavam ansiosos/as para ver aquele corpo. Sendo assim solicitei que fizessem o exercício imaginativo de como poderia ser aquele corpo e que o descrevessem. Como resultados, alguns 'ousaram-se' em escrever que se tratava de um transexual, outros/as descreveram como uma pessoa

sensata, e ainda outros/as demonstraram dúvida se se tratava de uma mulher ou de um homem. Aqueles meninos que zombavam anteriormente não se atreveram a escrever o que cochichavam, apenas o contrário, descreveram assim: uma senhora que falava sobre a sua rotina. Por fim, quem lhes falava era a personagem drag queen criada pelo publicitário Danilo Dabague, Lorelay Fox. A aula durou apenas 35 minutos, mas aquele silêncio continuou ecoando em mim e visivelmente naqueles corpos que deixavam a sala para seguirem ao próximo período de aula.

Um dos dilemas que permearam as aulas foi a questão da evasão dos/as estudantes, levando-me a questionar quais seriam os motivos pelos quais os/as estudantes foram se ausentando das aulas. Meus pensamentos giravam em torno destas preocupações: será que minhas aulas não tratavam de assuntos pertinentes a seus interesses? Ou, talvez, a temática lhes causava estranhamento ocasionando suas ausências? Ou desconfortos aos assuntos trabalhados foram os causadores disso ou ainda por ser sexta-feira e com períodos reduzidos, o grande número de feriados e paralisações que houveram... Embora não tenha encontrado uma resposta para as ausências dos/as estudantes, avalio que nós futuros/as professores/as, precisamos atentar para as implicações da evasão na escola já que todos/as têm o direito à educação, mas nem todos/as tem o acesso ou as condições necessárias para garantir sua permanência.



Figura 03: Imagem do Diário Visual
Fonte: Arquivo pessoal

Além disso, me questionava sobre como motivar os/as estudantes, ou mostrar a eles/as que a disciplina de Artes possui importância, quando nos anúncios

mediáticos o governo encoraja os/as estudantes a fazerem suas escolhas acerca de algumas áreas do conhecimento em detrimento de outras. Afirmando que o importante é o conhecimento produzido pela ciência, estudar algo que lhes garanta emprego rápido, boas ou até ilusórias perspectivas de vida.

Ademais, encontrei dilemas referentes à divergência entre aquilo que os/as estudantes falavam em aula e escreviam nas atividades propostas. Como de costume após cada aula, leio as escritas dos/as estudantes, as quais me fizeram pensar o porquê de as respostas escritas não condizerem com suas falas em sala de aula. E, encontrei em Pereira (2013) as palavras que até então não tinha:

[...] há toda uma trama de poder vigente, na sociedade moderna, que estabelece parâmetros para a ação dos sujeitos e, com isso, condiciona algumas formas de produção de si. [...] A sociedade nos dá, prontas algumas identidades: homem, mulher, professor, artista, mãe, pai, família, escola, etc. Uma identidade é, nesse caso, uma configuração cristalizada, estereotipada de uma maneira de ser ou um ritmo determinado a responder à figuras demandadas (PEREIRA, 2013, p. 42).

Agimos de acordo com os parâmetros estabelecidos na nossa sociedade, parâmetros que determinam nossos modos de agir e de pensar, sendo assim, se agimos de maneira diferente ao que está imposto, somos levados/as a pensar que estamos na contramão. Como se subverter a ordem fosse algo violento, desonesto e injusto. No entanto, tendo a acreditar que é justamente essa falta de subversão que corrobora para a injustiça e para toda a forma de preconceito. Esse movimento provoca em nossos atos um paradoxo que pode ser descrito da seguinte maneira: agimos de acordo com a regra inquestionável a fim de não sermos vistos/as como desonestos/as ou injustos/as ao mesmo tempo que reafirmamos através desse modo de agir formas discriminatórias causadoras de injustiças e de todo tipo de violência.

Em face do exposto, alguns questionamentos ocuparam meus pensamentos, tais como: por quê temos medo de falar o que pensamos? porque temos medo de falar sobre o nosso próprio corpo? e sobre os outros corpos que encontramos? A experiência em sala de aula reafirmou algo que eu já havia constatado a partir de minhas vivências, que temos medo de mostrar o que constitui nossos corpos, temos

medo de perceber nossos preconceitos e discriminações, velamos tudo aquilo que foge aos padrões que determinam a sociedade.



Figura 04: Questionamentos, diário visual
Fonte: Arquivo pessoal

Posteriormente as propostas sobre os outros corpos, com a intenção de instigar os/as estudantes a pensarem também seus próprios corpos e perceberem suas particularidades, levei para a sala de aula trabalhos dos/as artistas que mencionei anteriormente, que em suas produções problematizam as imagens do corpo. Trabalhar a partir de assuntos que os/as envolvam, que tratem de seus cotidianos, seus contextos, seus corpos, é um grande potencializador para suas produções.



Figura 05: Produções da turma 114
Fonte: Arquivo pessoal

CONCLUSÃO

Muitas foram às movimentações durante os encontros no LAV, alguns encontros aumentaram a minha potência de pensar sobre a docência e invencionar outras possibilidades de se trabalhar em sala de aula de maneira diferente daquilo que eu vinha propondo. Já outros diminuíram a potência de meus pensamentos, me deixando mais passiva a espera de que alguma coisa acontecesse.

Dependendo dos relatos dos/as colegas frente aos desafios das pesquisas, das práticas na escola, dos textos e autores/as que foram discutidos nos encontros, senti-me potencialmente instigada a pesquisar outras maneiras de pensar e agir diante das dificuldades na escola, já outros me desmotivaram.

Que me faz pensar e reavaliar minhas aulas, pois a primeira coisa que pensamos é: o que foi que fiz, ou o que não fiz para que os/as estudantes deixassem de ter interesse nas aulas de arte?

A autoavaliação e a avaliação do planejamento são muito importantes para percebermos os pontos positivos e negativos de nossas aulas, assim como entender os contextos em que os/as estudantes estão inseridos, fala sobre o porquê das ausências. Algumas vezes a evasão não é causada pelo desinteresse, mas pelas intempéries do clima, pelas fortes chuvas que impedem a passagem, pela falta de energia elétrica, pelos feriados e eventos da escola.



Figura 06: Produções no ateliê de cerâmica
Fonte: Arquivo pessoal

Talvez esse seja o início de um pensar sobre as implicações de ser mulher em formação docente, que problemáticas, que desafios podem surgir nesse percurso. Os encontros de terça, foram de suma importância em meu processo de formação docente, os corpos que encontrei no espaço do LAV me impulsionam a pensar o ensino de artes de outras maneiras e problematizar minhas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, Marilda O. Diário de aula: disparador de problematizações e de possibilidades para pensar a formação de professores de artes visuais. In: OLIVEIRA, M. O.; HERNÁNDEZ, F. (Orgs.) **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. 2ª edição revista e ampliada. Santa Maria: Edufsm, 2015. p. 51-73.

FERRAZ, Wagner. Estudar o Corpo: do que (não) se trata. In: MOZZINI, Camila; FERRAZ, Wagner (Orgs.) **Estudos do corpo: encontros com arte e educação**. Porto Alegre: INDEPIN, 2013. p. 255-272.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da Professoralidade**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

SPINOZA, Benedictus de. 1632-1677. **Ética/Spinoza**. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 3 ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.